

Brasília, Capital do Poder.

Capital? Ela é mesmo o Poder!

Gutemberg: Aqui nascem a força e a desgraça

O Rio de Janeiro demorou um pouco para perder sua hegemonia, mas hoje, realmente, é uma cidade que governa apenas boatos, enquanto São Paulo - caixa de repercussão das decisões nacionais - aceita e até industrializa o fato do Poder haver se deslocado, efetivamente, da Guanabara, para o Planalto". Este o ponto de vista do jornalista Luiz Gutemberg, editor do Semanário José, alagoano de nascimento e brasiliense já há 10 anos. Ele considera Brasília "sede do Poder em todos os aspectos, pois aqui é a sede do Poder Militar, que há 16 anos reina absoluto; sede da tecnocracia, isto é, dos técnicos que conseguiram envolver os militares, transformando-os em principais instrumentos de ação administrativa e política; e capital econômica, na medida em que todas as decisões do Governo Federal para a área são iniciadas aqui mesmo".

Segundo Gutemberg, "pode-se dizer que a única fonte real de poder econômico brasileiro sem sede em Brasília é o Bradesco que se dá ao luxo de ter capital própria, na Cidade de Deus, de onde chega a surpreender Brasília como as suas comunicações". Ao observar que, também nos Estados Unidos, os grandes conglomerados financeiros têm sede sobreposto, em San Francisco e em Nova Iorque, o editor de José postula que Brasília não precisa abrigar as Confederações Nacionais da Indústria, do Comércio ou da Agricultura, alegando que "esse negócio de opinião do empresariado brasileiro é mentirinha carioca, pois as três sempre foram mais pelegas do que os sindicatos mais pelegos do país e, portanto, estão aí para receber ordens do Governo".

Ele garante que "as estatais da Avenida Rio Branco também não fazem, a menor falta em Brasília porque não têm nenhum poder de decisão". Abre um parêntesis para a Petrobras, mas logo em seguida, afirma que "aquele brinca-se muito de mandar na Petrobras, e, no dia em que houver um Ministro das Minas e Energia que queira mandar, vai mandar mesmo, como no tempo do Geisel. E por que trazer para cá os escritórios? Seria asneira, porque a capital não é para se preocupar com detalhes. Aqui não tem que ter escritórios de projetos. Deixa lá. O admirantado, por exemplo, tem sede no Rio, mas a orientação política parte do Ministro da Marinha, que tem assento na Esplanada".

ENTREVISTA

CB - O que faz Brasília tão mais poderosa do que todos os outros centros nacionais juntos?

Gutemberg - "As razões para Brasília ser a capital do Poder são de ordem institucional e prática, funcional, ou seja, da definição política de capital ocorrida a 21 de março de 1960, temos hoje a integração real dos poderes da República no Planalto Central, funcionando a cidade realmente como centro de decisões nacionais. O Rio demorou um pouco para perder sua hegemonia, mas hoje, realmente, é uma cidade que governa apenas boatos, enquanto São Paulo, que é a caixa de repercussão das decisões nacionais, aceita e até industrializa o fato do Poder haver se deslocado da Guanabara para o Planalto. Ela também é um ponto neutro, onde o provincialismo clássico do paulista se dilui no provincialismo nacional. Na concorrência com os nortistas, com os gaúchos, os paulistas até conseguem ostentar a superioridade da sua excepcional condição econômica, que compra tudo.

Brasília é a sede do Poder em todos os aspectos, pois aqui é a sede do Poder Militar, que há 16 anos reina absoluto; sede da tecnocracia, isto é, dos técnicos que conseguiram envolver os militares, transformando-se em seus principais instrumentos de ação administrativa e política; e capital econômica, na medida em que todas as decisões do Governo Federal para a área são iniciadas aqui mesmo. Pode-se dizer que a única fonte real de Poder Econômico brasileiro sem sede em Brasília é o Bradesco, que se dá ao luxo de ter capital própria, a Cidade de Deus, de onde chega a surpreender Brasília com suas comunicações. Bas-

ta dizer que, na mudança de sua presidência para Lázaro Brandão, o Ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central apenas imaginavam que alguma coisa ia acontecer por lá e que Lázaro devia ter alguma importância. Então, só falta o Bradesco passar a se reunir aqui em Brasília".

CB - Então, não existem entraves à operacionalização do Poder?

Gutemberg - "Existem. Brasília se resente de uma certa seriedade para a execução do que legalmente seria a sua função de capital federal. Por mais que as pessoas se recusem a aceitar, o Brasil é um país tropical, tropicalista, que vive sob o absurdo em relação às regras da sociedade Ocidental, europeia, anglo-saxônica, socialista. Na verdade, Brasília é a capital de um país absurdamente tropical, de um país que pode dispor de um fantástico potencial, que pode gastá-lo perdulamente e principalmente exercitá-lo, todas as formas de desvario, certo de que o futuro resguardará quaisquer equívocos. Essa idéia de que todos os erros podem ser cometidos é realmente a marca principal de Brasília, que é uma cidade fundamentalmente irresponsável, onde algumas das funções mais importantes estão nas mãos de pessoas incompetentes que estão com ele? E uma gente extremamente simples, pessoas certamente honradas, mas seguramente desconhecidas. Nunca ninguém fala com a equipe do Golbery, mas com ele, o que é fantástico, porque ele é o principal auxiliar do Presidente. Agora veja o Heitor (Ferreira). Ele precisaria ter um batalhão de assessores em qualquer outro lugar do mundo. Mas é só ele, um ajudante operacional, uma secretária e mais ninguém. Se ele tiver uma equipe, deve ser de pessoas secundárias, o que é realmente incrível.

Agora, se você fizer uma enquete sobre o ministério e seus colaboradores, coisa é catastrófica. O que tem de pessoas incompetentes em funções importantes, porque parente, porque amigos, porque recomendados de fulano e sicrano, é inacreditável. Brasília é realmente uma cidade de maior incompetência, uma cidade moderna feita para ser uma espécie de ninho de cobras e na verdade é um ninho de minhocas".

CB - Qual a consequência disso?

Gutemberg - "Isso faz com que realmente Brasília seja uma cidade tropical, que pratica o tropicalismo. É uma cidade colorida, de formas fantásticas, de uma graça, sem medidas, apesar dessa concentração de gente incompetentíssima nos escalões inferiores. Mas eu vivo bem, me divirto. Como fui devoto de Mário de Andrade, estou preparado para conviver com a realidade tropicalista de Brasília sem susto. Então, não me espantam essas presepadadas da cidade, os restaurantes, os clubes, as recepções.

Por outro lado, a diplomacia de Brasília é uma coisa sensacional, que não existe em nenhuma outra cidade do mundo, por causa do magnífico caráter tropical, o que evidencia e acentua o Poder de Brasília. O Rio, por exemplo, era muito menos capital do que Brasília, porque era uma corte que se eximia de assumir as responsabilidades nacionais, já que podia diluir tudo, até pelas suas favelas coloridas, pitorescas. Em Brasília, a migração deu em um regimento que, em tese, poderia ser visto como base de uma futura revolução social. A pressão populacional em toda a cidade, de pessoas sem trabalho, vivendo na promiscuidade, na miséria, é impressionante. No Rio, as favelas se diluem, enquanto, em Brasília, tem a capital e, inteiramente dissociada dela, das pessoas de renda per capita de oito a dez mil dólares, tem a Ceilândia, que é a pressão, que é separada da cidade, que é miserável, sem poesia, sem samba, sem nada. E o retrato da desigualdade social do Brasil.

A capital federal não se



Gutemberg: também "um ninho de minhocas"

tá aqui. Onde é que o fenômeno Jânio Quadros foi detectado e analisado? Em Brasília. Quando os próprios paulistas perceberem, quem frequenta o Planalto já sabia que o Governo tinha apostado no ex-Presidente. O episódio mais recente é o do Partido Comunista, mostrando que as coisas acontecem no Rio e São Paulo, mas as decisões partem daqui. A própria repressão é um exemplo do que se pode em Brasília. Decide-se aqui e aplica-se fora. Brasília deu o apito para que ela fosse ação, fora daqui, e apito de novo em 1975, para cortá-la".

CB - Como vê o papel da Imprensa de Brasília?

Gutemberg - "Assim como o Poder é tropicalista, a Imprensa também é tropicalista, a observação também é tropicalista. Não pensem que esse fenômeno sociológico, esse carnaval, dispensa que a Imprensa seja também carnavalesca, tropicalista. O jornalista não chega a Brasília e assume uma atitude diferenciada, de observador ativo, discreto, técnico. Em Brasília, nem o correspondente do Times de Londres se comportaria de forma equidistante. O presidente do Clube dos Corre-

spondentes Estrangeiros, um alemão da DPA, ultragermânico, de uma agência seriíssima, chamado Kurt, envolveu-se até em corretagem de jogos da antiga CBD e viajava nas comitivas do Governo Médici, coisa que Imprensa estrangeira recusa. Ele não era um picareta: A Imprensa de Brasília é envolvida, o que não é negativo, porque é realista. A informação de Brasília é conveniente com a cidade e expressa seu clima. Aqui não tem informação grave. As pessoas que vieram reformar o mundo em Brasília, ou se adaptaram, ou foram embora.

O Correio Braziliense é o meu jornal, é o jornal da cidade, eu estou com ele, porque ele reflete Brasília, nem mais nem menos".

CB - Considera Brasília uma cidade angustiada?

Gutemberg - "Brasília só é uma cidade angustiada na medida em que as pessoas têm ligações fora dela. Quando as pessoas realizam aqui o seu exercício profissional, a cidade é tranquila. O que falta é o mar e a montanha que são coisas poéticas, absurdas. Não temos Ipanema nem Petrópolis, mas Brasília criou coisas importantes, como um novo conceito de quintal, que não é parte dos fundos - sim o lugar mais importante da casa. Brasília aboliu do ceremonial brasileiro o fraque e a cartola. O máximo que se vê nas recepções do Itamaraty é smoking. Se Brasília fosse fraca, adotaria essas formalidades todas. Brasília é tão informal que se vê mulher de calças compridas até no Palácio do Planalto. O Poder realmente se faz aqui, as pessoas caem em desgraça aqui, inclusive general e tecnicista. A própria Universidade, como se temia, é um centro de ativismo. Estão lá a direita, mais extrema, representada pelo reitor, e a esquerda mais radical, com MR-8, PC e tudo quanto se tiver que convocar, já está todo mundo aqui. Não é uma cidade artificial, sem amostragem.

Mesmo a cultura brasileira já é administrada em Brasília, pois aqui estão o poder, institucional da censura e o poder real da liberação do dinheiro.

A sociedade de Brasília é que é ridícula, com uma porção de gente querendo fazer sucesso pessoal, o que é um equívoco. Aqui não é para se ter uma sociedade baladística porque é outro tipo de humor. Se quiser copiar, não dá. E como Washington - capital voluntária, na definição de Severo Gomes - que espelha os padrões provincianos dos Estados Unidos. Washington foi a capital da guerra, enquanto Nova Iorque, capital do mundo, foi a capital do movimento contra a guerra do Vietnã. O Piauí manda mais em Brasília do que em Teresina. Não tem mais ministro, mas o tem de piauiense em postos importantes é incrível".

CB - Você transferiria as estatais sediadas no Rio para Brasília? Acha que falta representação do empresariado na capital?

Gutemberg - "As estatais da Avenida Rio Branco não fazem a menor falta em Brasília porque não têm nenhum poder de decisão. Talvez a Petrobras, mas manda-se aqui muito na Petrobras e, no dia em que houver um ministro das Minas e Energia que queira mandar, vai mandar mesmo, como no tempo do Geisel. E que trazer para cá os escritórios? Seria asneira, porque a capital não é para se preocupar com órgãos locais. A Anfavea tinha que ter no máximo uma sucursal em Belo Horizonte, por causa da Fiat".

CB - Como é que você veio para Brasília?

Gutemberg - "Eu vim para Brasília como editor-assistente de Veja. Não me vulgarizei em Brasília, não me deixei cair na vala comum e vivo bem com a cidade. Não tenho fantasias, aceito-a como ela é. Convivo bem com tudo, inclusive com a cafona, com os móveis do estilo falso-vitoriano de casas de ministros, e isso é importante para compreender a capital do Poder. Aqui todos ficam fiéis às suas origens. O gaúcho assa carne, toma chimarrão, em vez de acariciar.

Brasília deu nova alma à CNBB, que antes era diligida. Brasília legitima-se por si própria como o Poder no Brasil a partir daquela teoria sordida do Chico Campos, adotada em 37. Brasília reflete a tendência autoritária brasileira, usurpadora e caudilheira. Brasília é o Poder".

ENTREVISTA

CB - O que faz Brasília tão

mais poderosa do que todos os outros centros nacionais juntos?

Gutemberg - "As razões

para Brasília ser a capital do Poder são de ordem institucional e prática, funcional, ou seja, da definição política de capital ocorrida a 21 de março de 1960, temos hoje a integração real dos poderes da República no Planalto Central, funcionando a cidade realmente como centro de decisões nacionais. O Rio demorou um pouco para perder sua hegemonia, mas hoje, realmente, é uma cidade que governa apenas boatos, enquanto São Paulo, que é a caixa de repercussão das decisões nacionais, aceita e até industrializa o fato do Poder haver se deslocado da Guanabara para o Planalto. Ela também é um ponto neutro, onde o provincialismo clássico do paulista se dilui no provincialismo nacional. Na concorrência com os nortistas, com os gaúchos, os paulistas até conseguem ostentar a superioridade da sua excepcional condição econômica, que compra tudo.

Por outro lado, a diplomacia de Brasília é uma coisa sensacional, que não existe em nenhuma outra cidade do mundo, por causa do magnífico caráter tropical,

o que evidencia e acentua o Poder de Brasília. O Rio, por exemplo, era muito menos capital do que Brasília, porque era uma corte que se eximia de assumir as responsabilidades nacionais, já que podia diluir tudo, até pelas suas favelas coloridas, pitorescas. Em Brasília, a migração deu em um regimento que, em tese, poderia ser visto como base de uma futura revolução social. A pressão populacional em toda a cidade, de pessoas sem trabalho, vivendo na promiscuidade, na miséria, é impressionante. No Rio, as favelas se diluem, enquanto, em Brasília, tem a capital e, inteiramente dissociada dela, das pessoas de renda per capita de oito a dez mil dólares, tem a Ceilândia, que é a pressão, que é separada da cidade, que é miserável, sem poesia, sem samba, sem nada. E o retrato da desigualdade social do Brasil.

A capital federal não se

tá aqui. Onde é que o fenômeno Jânio Quadros foi detectado e analisado? Em Brasília. Quando os próprios paulistas perceberem, quem frequenta o Planalto já sabia que o Governo tinha apostado no ex-Presidente. O episódio mais recente é o do Partido Comunista, mostrando que as coisas acontecem no Rio e São Paulo, mas as decisões partem daqui. A própria repressão é um exemplo do que se pode em Brasília. Decide-se aqui e aplica-se fora. Brasília deu o apito para que ela fosse ação, fora daqui, e apito de novo em 1975, para cortá-la".

CB - Considera Brasília uma cidade angustiada?

Gutemberg - "Brasília só

é uma cidade angustiada na medida em que as pessoas têm ligações fora dela. Quando as pessoas realizam aqui o seu exercício profissional, a cidade é tranquila. O que falta é o mar e a montanha que são coisas poéticas, absurdas. Não temos Ipanema nem Petrópolis, mas Brasília criou coisas importantes, como um novo conceito de quintal, que não é parte dos fundos - sim o lugar mais importante da casa. Brasília aboliu do ceremonial brasileiro o fraque e a cartola. O máximo que se vê nas recepções do Itamaraty é smoking. Se Brasília fosse fraca, adotaria essas formalidades todas. Brasília é tão informal que se vê mulher de calças compridas até no Palácio do Planalto. O Poder realmente se faz aqui, as pessoas caem em desgraça aqui, inclusive general e tecnicista. A própria Universidade, como se temia, é um centro de ativismo. Estão lá a direita, mais extrema, representada pelo reitor, e a esquerda mais radical, com MR-8, PC e tudo quanto se tiver que convocar, já está todo mundo aqui. Não é uma cidade artificial, sem amostragem.

CB - Você transferiria as estatais sediadas no Rio para Brasília? Acha que falta representação do empresariado na capital?

Gutemberg - "As estatais da

Avenida Rio Branco não fazem a menor falta em Brasília porque não têm nenhum poder de decisão. Talvez a Petrobras, mas manda-se aqui muito na Petrobras e, no dia em que houver um ministro das Minas e Energia que queira mandar, vai mandar mesmo, como no tempo do Geisel. E que trazer para cá os escritórios? Seria asneira, porque a capital não é para se preocupar com órgãos locais. A Anfavea tinha que ter no máximo uma sucursal em Belo Horizonte, por causa da Fiat".

CB - Como é que você veio para Brasília?

Gutemberg - "Eu vim para

Brasília como editor-assistente de Veja. Não me

vulgarizei em Brasília, não me deixei cair na vala comum e vivo bem com a cidade. Não tenho fantasias, aceito-a como ela é. Convivo bem com tudo, inclusive com a cafona, com os móveis do estilo falso-vitoriano de casas de ministros, e isso é importante para compreender a capital do Poder. Aqui todos ficam fiéis às suas origens. O gaúcho assa carne, toma chimarrão, em vez de acariciar.

Brasília deu nova alma à CNBB, que antes era diligida. Brasília legitima-se por si própria como o Poder no Brasil a partir daquela teoria sordida do Chico Campos, adotada em 37. Brasília reflete a tendência autoritária brasileira, usurpadora e caudilheira. Brasília é o Poder".

ENTREVISTA

CB - O que faz Brasília tão

mais poderosa do que todos os outros centros nacionais juntos?

Gutemberg - "As razões

para Brasília ser a capital do Poder são de ordem institucional e prática, funcional, ou seja, da definição política de capital ocorrida a 21 de março de 1960, temos hoje a integração real dos poderes da República no Planalto Central, funcionando a cidade realmente como centro de decisões nacionais. O Rio demorou um pouco para perder sua hegemonia, mas hoje, realmente, é uma cidade que governa apenas boatos, enquanto São Paulo, que é a caixa de repercussão das decisões nacionais, aceita e até industrializa o fato do Poder haver se deslocado da Guanabara para o Planalto. Ela também é um ponto neutro, onde o provincialismo clássico do paulista se dilui no provincialismo nacional. Na concorrência com os nortistas, com os gaúchos, os paulistas até conseguem ostentar a superioridade da sua excepcional condição econômica, que compra tudo.

Por outro lado, a diplomacia de Brasília é uma coisa sensacional, que não existe em nenhuma outra cidade do mundo, por causa do magnífico caráter tropical,

o que evidencia e acentua o Poder de Brasília. O Rio, por exemplo, era muito menos capital do que Brasília, porque era uma corte que se eximia de assumir as responsabilidades nacionais, já que podia diluir tudo, até pelas suas favelas coloridas, pitorescas. Em Brasília, a migração deu em um regimento que, em tese, poderia ser visto como base de uma futura revolução social. A pressão populacional em toda a cidade, de pessoas sem trabalho, vivendo na promiscuidade, na miséria, é impressionante. No Rio, as favelas se diluem, enquanto, em Brasília, tem a capital e, inteiramente dissociada dela, das pessoas de renda per capita de oito a dez mil dólares, tem a Ceilândia, que é a pressão, que é separada da cidade, que é miserável, sem poesia, sem samba, sem nada. E o retrato da desigualdade social do Brasil.

A capital federal não se

tá aqui. Onde é que o fenômeno Jânio Quadros foi detectado e analisado? Em Brasília. Quando os próprios paulistas perceberem, quem frequenta o Planalto já sabia que o Governo tinha apostado no ex-Presidente. O episódio mais recente é o do Partido Comunista, mostrando que as coisas acontecem no Rio e São Paulo, mas as decisões partem daqui. A própria repressão é um exemplo do que se pode em Brasília. Decide-se aqui e aplica-se fora. Brasília deu o